



Fórum Roosevelt

EUA de Obama também consideram a Europa “uma verdadeira hiperimpotência”, afirma embaixador Seixas da Costa

Os Estados Unidos da “era Barack Obama” continuam a encarar a União Europeia (UE) como uma “verdadeira hiperimpotência”, considerou o embaixador de Portugal em Paris, Francisco Seixas da Costa, durante um fórum que decorre na ilha Terceira, Açores.

Uma abordagem, e tentativa de entendimento, das expectativas que germinaram na Europa perante a nova política externa dos Estados Unidos foi o tema da intervenção de Seixas da Costa no II Fórum Roosevelt.

Tema complexo e propício a vários equívocos, sobretudo após a relação “quase fratricida” durante o consulado do ex-Presidente George W. Bush e que originou uma crise sem precedentes entre “velhos amigos” com valores e princípios que se cruzam



“e, as mais das vezes, se somam”.

O II Fórum Roosevelt, organizado pela Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento (FLAD) em colaboração com o Governo regional dos Açores, teve início quarta feira e termina hoje

em Angra do Heroísmo com uma conferência do ministro da Defesa, Augusto Santos Silva.

Na quinta feira a organização optou pela descentralização e após uma visita pela manhã à base aérea das Lajes escolheu a cidade da Praia da Vitória, terra natal de

Vitorino Nemésio, para o segundo dia do evento.

“A administração Obama criou uma grande expectativa, não apenas de um reforço da relação institucionalizada União Europeia-Estados Unidos, mas também de uma maior abertura dos EUA para explorarem, ao nível das organizações internacionais, um trabalho conjunto e mais aberto com as entidades europeias”, referiu em declarações à Lusa.

A longa experiência diplomática de Seixas da Costa, que também foi secretário de Estado para os Assuntos Europeus nos Governos de António Guterres, e o seu atual posto de embaixador de Portugal em Paris permitem-lhe uma observação privilegiada face ao atual relacionamento transatlântico.

“Ainda é um pouco cedo para ter ideias concretas porque a

própria Europa também atravessa num momento de transição: a aplicação do Tratado de Lisboa ou da nova figura de Alto Representante para as Relações Externas e Política de Segurança Comum”, salienta.

Uma fase em que a União “ainda não arrumou a casa”, impedindo-a de se tornar num “interlocutor sólido” perante a Administração Obama “que também se encontra nos primeiros anos de organização”.

Na perspectiva do embaixador, os Estados Unidos de hoje pretendem, por diversos motivos, terminar com a “abordagem mais unilateralista” de George W. Bush e colaboradores. Mas permanecem muitas reticências e dúvidas sobre o resultado final deste atual exercício.

“Os americanos não olham para a Europa como uma entidade

única, ainda não consideram a UE uma entidade única. No fundo, a União também não lhes dá razões para que isso aconteça”, concretiza Seixas da Costa.

Uma fratura europeia que se mantém.

“Os EUA também percebem que existe uma outra Europa, a Europa mais a leste, do último alargamento”, que talvez se sinta menos confortável com Obama, em comparação com Bush.

“Obama tem uma abordagem muito mais aberta e dialogante nas relações com a Rússia. E essa outra Europa provavelmente vai ter alguma dificuldade em aceitar esta abertura no diálogo com a Rússia, que lhe pode parecer perigosa em termos da sua própria segurança”.

Em suma, “existem várias Europas a olhar para a América”, conclui Seixas da Costa.